POR UMA QUESTÃO DE (DES)ORDEM: O PROGRESSO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – PODEMOS APRENDER COM O BURRINHO PEDRÊS?

FOR A MATTER OF (DIS)ORDER: SCIENTIFIC AND TECHNOLOGICAL PROGRESS – CAN WE LEARN FROM THE PEDRÊS DONKEY?

Claudia Ernst[1]

José Luis Bolzan de Morais[2]

RESUMO: A presente escrita, tangenciando a escrita literária, visa apresentar uma reflexão acerca da sociedade contemporânea, afetada pelos avanços científicos na área tecnológica, priorizando a questão da linguagem. Para a pesquisa, utiliza-se o método fenomenológico, hipotético-dedutivo, com abordagem técnica e bibliográfica. Através desse aparato teórico-metodológico, observa-se que a tecnologia da informação, embora colabore, de forma significativa, para o avanço da ciência, pode afetar os processos de construção das subjetividades no mundo contemporâneo com consequências (im)previstas no âmbito da comunicação entre os seres humanos na esfera privada e na esfera pública. Conclui-se que, havendo riscos no uso indiscriminado da tecnologia, que, pautada por algoritmos, informa (ou cria) as necessidades de seus usuários, o trabalho de resguardo pelos seus direitos pode (e deve) ser realizado pelo Estado.
Palavras-chaves: Tecnologia; Progresso científico; Estado.

ABSTRACT: The theme of this writing, touching on literary writing, aims to present a reflection on contemporary society, affected by scientific advances in the technological area, prioritizing the issue of language. For the research, the phenomenological, hypothetical-deductive method is used, with a technical and bibliographical approach. Through this theoretical-methodological apparatus, it is observed that information technology, although it contributes significantly to the advancement of science, can affect the processes of construction of subjectivities in the contemporary world with (un)foreseen consequences in the field of communication between human beings in the private and public spheres. It is concluded that, if there are risks in the indiscriminate use of technology, which, guided by algorithms, informs (or creates) the needs of its users, the work of protecting their rights can (and should) be carried out by the State.
Keywords: Technology; Scientific progress; State.

INTRODUÇÃO

Começamos nosso texto, esclarecendo que a forma da escrita aqui empregada pode acarretar algum estranhamento, uma vez que nos valemos do gênero narrativo, e não do gênero

[1] Pós-doutoranda em Direito pela FDV. Doutorado em Direito Público (UNISINOS – São Leopoldo/RS). Mestre em Filosofia e Ética Social (UNISINOS – São Leopoldo/RS). Professora das Faculdades Integradas São Judas Tadeu e professora da Unilasalle. Integrante do Grupo de Pesquisa CNPQ Estado & Constituição (GEPE&C) e do grupo de pesquisa *Dasein*. Advogada. Mediadora. E-mail: claudiaernst1303@gmail.com

[2] Pós-Doutorado em Direito Constitucional (Universidade de Coimbra – Portugal). Doutorado em Direito do Estado (UFSC/Université de Montpellier I – France). Mestrado em Ciências Jurídicas (PUC/Rio). Professor do PPGD da Faculdade de Direito de Vitória e da ATITUS. Pesquisador Produtividade em Direito e Tecnologia/CNPQ. Professor convidado UNIFI-IT, ROMA I, ROMA Ter, Universidad de Sevilla. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPQ Estado & Constituição (GEPE&C) e da Rede de Pesquisa Estado & Constituição (REPE&C). Coordenador do CYBER LEVIATHAN – Observatório do Mundo em Rede e da REDITECH – Rede de Direito e Tecnologia. Procurador do Estado do Rio Grande do Sul aposentado. Advogado. E-mail: bolzan@hotmail.com

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

acadêmico esperado, para refletir sobre as implicações do desenvolvimento científico e tecnológico na sociedade contemporânea.

Um outro aspecto a salientar, de início, diz respeito ao processo de escrita em parceria, fato que demanda concessões, abertura para o novo, exercício de reflexão mais exigente e um trabalho dialógico de esforço dobrado. Esclarecemos, também, que fazemos este trabalho de forma similar a Nunes (2021) que recorreu aos poetas para deixar uma mensagem – nós recorremos a um texto literário em prosa. Trata-se do conto "Burrinho pedrês" que abre o clássico "Sagarana" de Guimarães Rosa, cuja trama original é a seguinte: o burrinho, chamado Sete-de-Ouros, acompanha uma boiada vendida de propriedade do Major Saulo, dono de uma fazenda. Há um vaqueiro, de nome Silvino, que pretende matar outro vaqueiro, o Badu. Um empregado do Major Francolim denuncia o fato ao patrão, mas nada é feito para impedir que o fato ocorra. Primeiro, Silvino tenta provocar um acidente, fazendo com que os bois atropelem Badu. Não logrando sucesso, planeja assassiná-lo na viagem de volta. Ocorre que, no retorno, Badu está bêbado e, por isso, os outros vaqueiros deixam-no com Sete-de-Ouros. Ao atravessarem um ribeirão, chove forte, desencadeando uma enchente na qual morrem oito vaqueiros, inclusive Silvino. Sete-de-Ouros salva heroicamente Badu, chegando à outra margem. Vitorioso, traz, na sela, o bêbado apaixonado e, agarrado no rabo, Francolim.

Sete-de-Ouros era um burrinho diferenciado. De compleição pequena e de personalidade conformada, teve uma virada em sua história de vida, como diz Guimarães Rosa:

> [...] a estória de um burrinho, como a história de um homem grande, é bem dada no resumo de um só dia de sua vida. E a existência de Sete-de-Ouros cresceu toda em algumas horas – seis da manhã à meia-noite – nos meados do mês de janeiro de um ano de grandes chuvas, no vale do Rio das Velhas, o centro de Minas Gerais. (Rosa, 2021, p. 10)

O personagem central de Guimarães Rosa no conto em pauta, em sua dimensão antropomórfica, possibilitou-nos iniciar a costura entre saberes pertencentes a regiões do conhecimento diferenciadas – a literatura e o progresso científico e tecnológico –, uma costura cuidadosa que buscou estabelecer elos coerentes e simbolicamente adequados ao objetivo deste trabalho.

Colocamos em cena a história do burrinho pedrês como metáfora dos membros da sociedade atual que estão a enfrentar a evolução científica e tecnológica, suas mudanças e seus reflexos no seu modo de ser, viver, aprender com uma rapidez surreal. Ao observar parte das consequências desse desenvolvimento, passamos a questionar: para onde a sociedade está

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

caminhando e onde chegará no ritmo em que se encontra? Haverá uma virada positiva (ou negativa) na vida em sociedade?

O crescimento das novas tecnologias provoca o questionamento sobre a maneira como o Estado está se inserindo e lidando com a nova realidade, ou mesmo, como o Sistema de Justiça está enfrentando esse desafio.

Para responder a essa questão, apropriamo-nos, através da realização de uma fábula, do conto e de seus personagens, com respeitoso pedido de licença a Guimarães Rosa, a fim de dar início a esta reflexão sobre as implicações, no campo político e jurídico, dos avanços científicos na área da tecnologia, tendo como vértice a questão da linguagem.

1. UM APRENDIZADO PELA *NOSSA* HISTÓRIA

Era uma vez, um burrinho de nome Sete-de-Ouros que não gostava de violência, mas se sentia impotente ao observar tanta ignorância e abuso no mundo. Esse burrinho olhava para frente, para os lados e até para trás. Entretanto, fosse qual fosse a direção que olhasse, só tinha vontade de se recolher e fugir do que observava. Em alguns momentos, pelo canto dos olhos, conseguia ver alguma luz, mas era tão pouca que não permitia iluminar o caminho. O burrinho estava muito cansado. Sua postura mostrava esse cansaço. Caminhava cabisbaixo, orelhas caídas, olhos inflamados, secos e quase fechados (não queria ver mais nada). Esse desânimo permeava sua vida, o pouco tempo de vida que ainda lhe restava. Ele sabia. Mesmo velho, não se conformava em ficar calado. Cansado também estava para dar coices. Na realidade, não era de sua natureza. Sua mente ingressava nas suas profundezas, trabalhava como louca, revoltada, não admitindo desistir. Não tolerava a alienação. Tanto tempo passou, lembrava o burrinho, tanto aprendizado e parece que tudo havia se perdido em meio à evolução tecnológica e a tantos algoritmos.

Ele viveu sua juventude em uma época em que o crescimento científico e tecnológico parecia caminhar a passos lentos. Hoje, entretanto, percebeu que um pouco mais de quarenta anos transformaram o mundo. Chegara à conclusão, observando a sociedade, de que a contradição entre o que se pregava e o que se realizava servia apenas para resguardar os valores burgueses daqueles que detinham o poder.

Sete-de-Ouros estava, realmente, farto de testemunhar tamanha violência[3] na sociedade. Via a cegueira, via os homens, mulheres e crianças imersos nas facilidades das tecnologias. O burro sentia o mau-hálito, o cheiro pútrido da morte que rondava o Estado. Resolveu tomar uma

[3] A violência está multifacetada na colheita de informações (desautorizada) realizada pelas grandes potências da área tecnológica – que passam a deter a informação e as usá-las para tomar para si o mercado.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

atitude, apesar de achar muito difícil o que pretendia fazer. Assim, decidiu marcar uma roda de conversa com o Major Saulo e com Manico. Avisou que queria uma roda de conversa presencial. Nada de encontro *on-line*. Não queria fazer uso das plataformas digitais. Não aguentava mais as *lives*. Precisava do contato pessoal, observar a linguagem corporal dos amigos.

Os amigos aceitaram o convite e concordaram em participar da roda de conversa. Sete-de-Ouros ficou satisfeito. Pensou em fazer como o filósofo Sócrates. Uma observação aqui: ele adorava Sócrates, pois via, no filósofo e na sua forma de filosofar, o respeito ao outro. Ele não ensinava, ele discutia, ou seja, se Sócrates não tinha certeza, nada ensinava, porquanto não tinha certeza... (Perini, 2023). Sócrates era considerado o precursor no "discutir a discussão" (Perini, 2023). E Sete-de-Ouros era encantado pelo filósofo. Tinha essa sensação de deslumbramento, de admiração, ficava em estado de graça. Estava realmente enfeitiçado. Era exatamente esse o ponto. Ia imitar o filósofo. Nesse momento, lembrou-se da subversão da máxima de Lavoisier: "nada se cria, tudo se copia"[4]. Ao pensar sobre isso, Sete-de-Ouros sentiu um aperto no peito e um forte enjoo. Deu-se conta de que é exatamente isso que estava a lhe causar o incômodo. Lembrou-se que as plataformas digitais estão propiciando aos usuários, inclusive, a escritura de textos. O burro velho estava muito apoquentado com essa insanidade, ou seja, permitir que a inteligência artificial faça o trabalho intelectual que seria do humano. O que será do humano? Essa era uma das questões que precisavam ser conversadas.

Desse modo, Sete-de-Ouros resolveu elaborar a pauta de "discussão". Pensou em sofisticar chamando de pauta de trabalho, mas achou que se chamasse assim, os amigos poderiam "picar a mula", e isso ele não queria.

Quinze dias, após o convite, ficou agendada a roda de conversa.

Sete-de-Ouros avisou que a roda seria aberta ao público e ocorreria às 10h, na praça central do Vale do Rio das Velhas, em Minas Gerais. Avisou, também, que a pauta seria disponibilizada ao público na porta da Prefeitura Municipal. E assim foi feito.

Sete-de-Ouros estava nervoso. Um frio na barriga lhe apertava o estômago. Pensou... Pensou... o que inventara? Sentia-se velho, não gostava de conflito[5]. Matutou com seus botões:

[4] Frase de Lavoisier: "nada se cria, tudo se transforma". Abelardo Barbosa (Chacrinha) a transformou para "nada se cria, tudo se copia". Cf. **No mundo nada se cria. E tudo se transforma ou copia?** Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/legis-ativo/no-mundo-nada-se-cria-e-tudo-se-transforma-ou-copia/. Acesso em: 27 de ago. de 2023.

[5] Estabelece-se aqui uma relação parafrástica com o seguinte excerto: "O Sete-de-Ouros detesta conflitos. Não espera que o garanhão murzelo volva a garupa para despejar-lhe duplo coice mergulhante, com vigorosa simetria. Que também, do outro lado, se assoma o poldro pampa, espalhando a crina e arreganhando os beiços, doido para morder. Sete-de-Ouros se faz pequeno. Escoa-se entre as duas feras. Desliza. E pega o passo pelo pátio, a meio

para que foi buscar sarna para se coçar? Um parêntese aqui. Sete-de-Ouros, certa ocasião, foi acometido pela sarna e sabia a coceira que o bicho lhe causara. Só de pensar se arrepiou. Já estava arrependido da sua iniciativa. Pensara em desmarcar, mas não! Não podia fazer isso. Percebia que era seu dever fazer alguma coisa. Tinha consciência que deveria fazer a sua parte. Não podia esperar ou deixar para outros fazerem o que sabia que deveria fazer. Ao cabo da vida, queria fazer alguma coisa. Ia deixar um legado. Pelo menos, ia tentar, e isso bastava para ele.

Voltou a pauta.

Aventou esmiuçar os temas na pauta, mas, pensou melhor e achou por bem elaborar, de forma mais ampla. Queria ver onde a discussão ia dar. Assim, mandou publicar: 1. O progresso científico e tecnológico; 2. O lugar do ser humano nessa sociedade; 3. O "lugar" do Estado no interregno digital.

Os dias iam passando. Sete-de-Ouros sentia a areia da ampulheta descendo, contando o tempo. Quase conseguia ouvir o tique-taque do relógio. Seu coração disparava cada vez que pensava que o grande dia estava chegando. O dia da verdade. Nossa, pensou Sete-de-Ouros, já estou me achando o "dono da verdade". Viu o quanto era complicado refrear o ego. Que difícil isso! Passou a refletir sobre seus pensamentos, pois a proposta dele era ouvir e tentar compreender. Pretendia atuar mais como um mediador de conflitos do que participante da discussão. Que dicotomia ilógica!

Lembrou que Sócrates, Platão (Kelsen, 2001, p. 2), assim como vários outros filósofos, buscaram descobrir em que consistia o conceito de verdade, contudo, nenhum deles encontrou uma resposta. Provavelmente, porque seja um tema que demanda sempre "um falar mais" ou "perguntar melhor". Tanto *o falar mais* como *o perguntar melhor* é tarefa do indivíduo. Os seres humanos são únicos e cabe a eles buscar a resposta.

Voltemos à tecnologia, a resposta dada por uma máquina, ainda que essencialmente determinada por algoritmos também não porá fim a essa questão, porque não há fim em virtude de sua dependência da posição assumida pelo sujeito. A verdade é construída e constituída (ilusoriamente) pelo sujeito. Garcia-Roza (1998, p. 76), sobre a verdade, diz que

> O discurso, ou mais especificamente, a proposição judicativa, vai ser o lugar de encontro entre as palavras e as coisas. Esse encontro não implica porém para Aristóteles a transparência da verdade.

trote e em linha reta, possivelmente pensando: - Quanto exagero que há!..." Cf. ROSA, João Guimarães. **O burrinho pedrês**. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2021. p. 14.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

Tal fato se justifica até porque não há uma relação direta entre as palavras e as coisas do mundo, pois o simbólico, sendo representação, não consegue alcançar o referente tal como ele é. Resumindo, dois aspectos devem ser salientados no que tange ao processo de comunicação[6]: a ilusão de o sujeito determinar a sua verdade (ela preexiste a ele) e a impossibilidade de o simbólico representar fielmente o objeto (sempre há algo que lhe falta ou que o excede)[7]. Esses dois aspectos precisam ser considerados na análise do processo de comunicação, visto geralmente como a arte de dar e receber informação[8], mas a partir de uma percepção, muitas vezes, equivocada de que há uma relação simétrica entre o sujeito que fala e o sujeito que a recebe sem levar em conta fatores externos que determinam a produção e a interpretação do dizer. Transportando essa reflexão para a fábula em pauta, pode-se colocar que Sete-de-Ouros intuitivamente percebe a complexidade que envolve o processo de comunicação, na medida em que tem convicção da importância da clareza para o seu sucesso, ou seja, infere que os sentidos das palavras não se prendem a elas e que, assim sendo, podem escapar do controle dos sujeitos.

O ser humano precisa se comunicar, seja pelo anseio de descobrir o mundo que o rodeia, seja pelo anseio de desvendar coisas a respeito de outras pessoas ou sobre os relacionamentos. "Aprendemos a diferenciar e a nos relacionar com os objetos aprendendo a classificá-los e aprendendo, através de palavras e experiências, o que podemos esperar deles" (Satir, 1980, p. 107).

De outro lado, o burro sabia o quão frequente era e é a ocorrência do equívoco na comunicação. Na tentativa de evitá-lo, é necessário possibilitar que os outros pressuponham o que se passa íntimo dos envolvidos nesse processo, e isso demanda a apreciação daquilo que se

[6] A palavra "comunicar", dentro do contexto social, é utilizada para reportar um comportamento verbal e não-verbal. Portanto, "comunicação" pode significar interação. Importa dizer que a comunicação abarca também "[...] todos os símbolos e indícios utilizados pelos indivíduos quando estes recebem e transmitem mensagens". Cf. SATIR, Virgínia. **Terapia do grupo familiar.** Tradução de Achilles Nolli. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980. p. 107.

[7] Para uma compreensão maior do que está sendo dito, recomenda-se a leitura da obra do filósofo francês Michel Pêcheux, **Semântica e Discurso**, título da tradução em português, cuja 1ª edição foi publicada em 1988 pela editora da UNICAMP. Esse autor apresenta uma visão diferenciada da (não)comunicação, concebida no âmbito de seu trabalho como *discurso*, e adota uma perspectiva materialista e não idealista. Contesta basicamente a visão de sujeito consciente e autônomo e de sentido preso às palavras.

[8] "A capacidade de comunicação também constitui parte da resposta do enigma da incompletude associada a potência. No cerne dessas habilidades naturais que o animal sabe fazer, que podem ser imediatamente interpretados pelos outros animais, e também repetidos. A palavra-chave aqui é "imediatamente". No momento em que chega a abelha pode começar a dançar, as outras abelhas ao seu redor entendem o que significam seus movimentos e assim voam em direção ao néctar. O código dessa comunicação instantânea está nos genes do animal; da mesma forma, os seres humanos são codificados ao nascer. O código gera uma base em nós, mas como primatas mais evoluídos; [...] o código proporciona ingredientes com os quais os bebês e as crianças pequenas constroem comportamentos mais complexos, menos instantaneamente legíveis". Cf. SENNETT, Richard. **Juntos:** os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Tradução de Clóvis Marques. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 90.

conhece ou se crê conhecer, o que se espera do outro, as interpretações possíveis do que os outros fazem ou dizem (e isso decorre do que se aprende ou se supõe conhecer), o tipo de comportamento que agrada ou desagrada, as motivações (ou determinações) que os fazem se mostrar de uma forma e não de outra (Satir, 1980, p. 108). Por isso, a comunicação deveria ser, antes, um movimento de escuta de si mesmo. É um "[...] processo de percepção e de responsabilização sobre o que se sente, o que se precisa e o que se quer. [...] A sua responsabilidade é o que você faz com o que o outro faz" (Thebas, 2021, p. 111). Outrossim, o problema da dificuldade da comunicação fica mais complexo, haja vista a relação arbitrária estabelecida entre as palavras e os símbolos que as correspondem e entre as palavras e os referentes. Diz-nos Satir (1980, p. 109):

> O símbolo não é o mesmo que a "coisa", "ideia" ou "observação" a que corresponde (embora frequentemente nos comportamos verbalmente como se os símbolos fossem literalmente o que representam). Com bastante frequência o símbolo e seu significado são tomados como sinônimos.

Devido a essas condições, é fundamental que os indivíduos procurem ser claros e qualifiquem o que dizem, bem como solicitem que o outro faça o mesmo quando o discurso deixa dúvida ou confusão. As palavras são instrumentos pelos quais os indivíduos podem dar e receber informações e estabelecer a comunicação. Entretanto, a comunicação, ao depender da palavra, como um de seus atributos, pode confundir o sujeito, uma vez que para X poderia estar sendo usada uma palavra determinada com um significado e para Y, o significado seria outro. As palavras são imprecisas, por isso, é imperativo que o sentido[9] e a intenção procurem ficar claros entre os interlocutores. O indivíduo que não compreende esse fato tenderá a realizar suposições com base em sua percepção de mundo (e não na percepção do outro) e as suposições, nesse caso, podem tornar-se inadequadas. De outro lado, caso o receptor, nessa troca comunicacional, for um comunicador funcional, antes de concordar ou discordar, solicitará ao emissor que esclareça sua mensagem, podendo questionar: o que quer dizer com isso? Se o emissor responde de modo funcional à solicitação de esclarecimentos, o receptor da mensagem terá uma melhor ideia do que está sendo discutido, evitando, assim, distorções e mal entendidos. O indivíduo que se comunica de maneira funcional consegue apresentar e deixar mais claros seus pontos de vista (Satir, 1980, p. 115).

[9] "[...] o sentido é o que se mostra relacionalmente, nós podemos reformular as ontologias de cunho substancialista ou subjetivista e justificar uma concepção de ontologia relacional. Relacional porque o sentido do sentido não emerge da simples justaposição ou da inter-relação entre o dito e o não-dito, mas de seu entrelaçamento no tempo e espaço." Cf. ROHDEN, Luiz. **Sobre o sentido.** Veritas, Porto Alegre, v. 50, n. 2, Junho 2004. p. 293-303.

Assim sendo, tanto o emissor quanto o recebedor de uma mensagem necessitam assumir responsabilidade para uma produção de sentidos menos sujeita a ambiguidades. De toda a sorte, considerando que a comunicação não se limita ao uso da palavra, mas também aos "gestos, expressão facial, postura corporal e movimentos, tom de voz, e até mesmo pelo modo de se vestir" (Satir, 1980, p. 121) e, levando em conta que toda essa comunicação ocorre dentro de um contexto, constata-se tratar-se de uma atividade complexa.

Assim, o consenso, a comunicação e a verdade se entrelaçam e trabalham no sentido da solução das divergências. Parmênides explica esse cenário, quando conceitua a verdade, considerando-a uma abertura para o ser e o pensar, não se tratando, pois, de uma evidência da experiência, mas uma "presença que se vela, um desvelamento do qual faz parte um velamento, um ocultar-se" (Garcia-Roza, 1998, p. 11). A verdade não se concretiza com o enunciado do sujeito sobre uma coisa, mas com o desvelamento do ente, que se perfectibiliza uma abertura para a descoberta e, é "[...] essa abertura que funda o homem enquanto tal" (Garcia-Roza, 1998, p. 14).

Todas essas questões estavam a inundar o cérebro de Sete-de-Ouros. A comunicação pela palavra em especial comporta seu lugar na roda de discussão, mas, simultaneamente é o cerne do uso da inteligência artificial que, como sua própria nomenclatura designa, é artificial, é produzida. É uma construção matemática, mas irreal na medida em que, obedecendo um comando, pode ter um funcionamento que se poderia chamar de psicopata, perseguindo um determinado objetivo completamente alheia ao entorno. Sua utilização foi planejada idealisticamente para gerar uma interação maior nas redes sociais. Entretanto, contraditoriamente, pode produzir o caos; é o que acontece, por exemplo, no favorecimento e compartilhamento de notícias falsas, cuja replicagem é muito maior em frequência e quantidade do que as notícias verdadeiras.

Por tais motivos, Sete-de-Ouros tinha convicção de que a submissão à máquina não seria a melhor alternativa para o ser humano e, em consequência, para a sociedade e o Estado.

Então, chegou o grande dia. Um belo dia. Ensolarado, com temperatura amena. O céu estava azul, com poucas nuvens. Sete-de-Ouros enxergou até um arco-íris no firmamento. Achou que era um bom presságio. Acordou muito cedo, foi até o rio, se molhou e se preparou para o evento. Esperava que não houvesse tumulto. Ambicionava que o respeito permeasse a construção de soluções, ou melhor, de respostas adequadas para a manutenção do Estado e da dignidade dos seres que estariam no encontro.

O Major Saulo e Manico também estavam animados. Sentiam que precisavam dessa conversa. Não sabiam bem o que estavam pensando desse mundo moderno e a troca de ideias

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

e saberes lhes pareceu muito necessária. Queriam descobrir, queriam se descobrir, levantar o véu e descortinar o que se escondia dentro dessa sociedade das quais eram membros. Perguntavam-se por que essas facilidades tecnológicas lhes causavam desconforto em tantos momentos. Ao mesmo tempo, percebiam ser Sete-de-Ouros um burro muito especial. Era um amigo com características muito peculiares. Ele provocava a reflexão, questionava esse processo de modernização. Não se convencia de que o *fácil* era o melhor. Sabia o sacrifício que todos haviam passado para aprender e valorizar o que tinham. Recordaram que Sete-de-Ouros sentiu na pele (e no pelo) a discriminação[10]. Viram quando o chamaram de jumento, de jegue[11] e de tantas outras nomenclaturas. Sete-de-Ouros era um burro, um muar - nasceu do cruzamento entre uma égua e um jumento. Era só olhar para ele: era parecido com um cavalo, mais atarracado, suas orelhas eram mais compridas do que as do cavalo, mas que lhe permitia ouvir e perceber melhor os sons. Narinas mais afiladas, canelas secas, cascos pequenos e pelos curtos. Pesava em torno de 300 quilos e sua altura era de aproximadamente 1,40 metros.[12] De trato, no geral, era um animal dócil, muito resistente e equilibrado, mas sabia dar seus coices quando contrariado. Eles gostavam de Sete-de-Ouros. Sentiam que podiam confiar nele. Era um velho leal, nobre, um verdadeiro companheiro. Ele havia superado seus ancestrais. Já havia passado a média de vida dos burros[13]. Contava com 49 anos de vida. Tinha uma inteligência invejável[14]. Assim o viam.

Sete-de-Ouros, Major Saulo e Manico, inacreditavelmente, chegaram no mesmo horário na Praça. Eram 9h30min da manhã. Precisavam aguardar o público. Muitos foram os convidados. Viam muita movimentação circulando o local. As pessoas chegando, se sentando nos lugares. Elas cochichavam entre si. Havia uma expectativa no ar.

Sete-de-Ouros, Major Saulo e Manico logo se acomodaram em seus lugares. Veio gente de todos os lados. Havia meio que um alvoroço entre as pessoas, mas, ao mesmo tempo,

---

[10] "Os preconceitos ao redor do burro transformaram seu nome em um insulto, mas, na verdade, eles **são animais muito inteligentes e espertos.** Seus movimentos são lentos e parece que eles nunca têm pressa, mas quando lhes é dada a oportunidade, demonstram ser muito dispostos e capazes de resolver problemas complexos." Cf. **Burro**: caraterísticas, comportamento e habitat. Disponível em: https://meusanimais.com.br/burro-caracteristicas-comportamento-e-habitat/. Acesso em 1 mai. de 2023.

[11] "Burro, muar, asno, jumento, jegue: todos estes nomes confundem os leigos e os fazem pensar que podem ser a mesma coisa." Não o são. Cf. ALVES, Mayk. **Burro:** suas características e utilidades no meio rural. Disponível: https://agro20.com.br/burro/#:~:text=Caracter%C3%ADsticas%20do%20burro&text=Suas%20orelhas%20s%C3%A3o%20mais%20compridas,e%20suas%20canelas%20s%C3%A3o%20secas. Acesso em 1 mai. 2023.

[12] **Burro**: caraterísticas, comportamento e habitat, 2023.

[13] A longevidade destes animais é alta. Ela permite que eles trabalhem por mais de 35 anos, sendo que em alguns casos eles conseguem trabalhar por até 47 anos. [...]" Cf. ALVES, 2023**.**

[14] Infelizmente, o processo de modernização do transporte e da urbanização desconstituiu o lugar dos burros. Eram animais de grande apreço e passaram a ser considerados como sinal de atraso. Os burros são inteligentes. Podem se locomover com lentidão se comprados às máquinas, mas são cautelosos e firmes. Cf. ALVES, 2023.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

percebia-se uma esperança no ar. Os convidados aguardavam o início do evento. Tudo estava organizado. Todos sentados nos seus lugares, microfone funcionando, ordem de apresentação e fala combinadas. Acertaram que as contribuições do público poderiam ocorrer, conforme fosse solicitada a palavra. Queriam um evento mais informal.

Apresentações iniciais realizadas. Passou-se à conferência da pauta, qual seja: 1. O progresso científico e tecnológico; 2. O lugar do ser humano nessa sociedade; 3. O Estado no interregno da era digital.

Sete-de-Ouros salientou que tentariam seguir a ordem dos tópicos, entretanto todos tinham ciência de que esta ordem poderia ser altercada e rompida.

1.1 O PROGRESSO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

1.2 O LUGAR DO SER HUMANO NESSA SOCIEDADE

1.3 O ESTADO NO INTERREGNO DA ERA DIGITAL

Iniciada a reunião, Major Saulo diz que a tecnologia é uma realidade que se instaurou na sociedade. Lembrou da Revolução Industrial e da luta de classes[15] ou, dizendo de forma eufemística, da concertação social entre parceiros sociais.

Ao ouvir isso, Sete-de-Ouros pula de seu lugar e lembra que a troca dos termos nessa enunciação, qual seja: luta de classes para concertação social entre parceiros sociais tem a finalidade de afastar a ideia de exploração de uma classe. Contudo, todos sabem que sempre há exploração, ainda que o Estado almeje resguardar as garantias fundamentais e o interesse comum (Nunes, 2021, p. 500).

Francolim Ferreira, que estava na plateia, pediu para contribuir. Disse ele: - A pandemia instaurada pela Covid-19 pode ser considerada o marco histórico que obrigou a sociedade a realizar efetivas mudanças nos seus mais variados setores! Apesar de o uso das tecnologias e das plataformas digitais já estarem sendo adotadas, durante e pós pandemia, constatou-se que a virada tecnológica precisava (e precisa) ser desenvolvida e aprimorada!

Sete-de-Ouros diz: – Exatamente, Francolim. Me preocupa, sobremaneira, a questão ética do uso das tecnologias, em especial, a utilização da inteligência artificial. Realmente, fico estarrecido com essa, vou chamar, de ruptura paradigmática do Estado Social. Essa transposição

[15] "[...] Na linguagem oficial não se fala em luta de classes (porque classes são coisa do passado), mas de concertação social entre parceiros sociais (uma linguagem que lembra os tempos da corporativismo fascista) [...]". Cf. NUNES, Antônio José Avelãs. **O Estado capitalista e as suas máscaras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021. Três notas breves.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

na história da humanidade não está sendo pensada. Apenas vivida. As consequências serão, estão sendo avassaladoras.

Nunes (2021), bom lembrar, destaca sua inquietação com a exclusão que o capitalismo provoca e que permeia a situação que estamos vivendo. São suas as palavras

> [...] Porque não pode manter-se por muito tempo a contradição (cada vez mais acentuada) entre o *desenvolvimento das forças produtivas* (e da capacidade de criação de riqueza que garanta o bem-estar de todos os homens) e a *natureza das relações de produção capitalistas* (que geram guerras por todo o lado, que produzem crises cada vez mais profundas e prolongadas, que multiplicam o número de *pobres que trabalham*, que alastram as situações de *exclusão social*, que aumentam obscenamente as *desigualdades*, que colocam em causa os *fundamentos da democracia*). (Nunes, 2021, p. 506)

João Manico, levanta sua mão e já inicia sua fala. Lembra do sistema de justiça e da criação do Juízo 100% Digital[16]. Elogia. Diz que o Juízo 100% Digital viabiliza ao usuário o acesso à justiça pela *internet*, pois todos os atos processuais, inclusive as audiências e sessões de julgamento, são realizados eletronicamente e de modo remoto, sem a necessidade de comparecimento físico ao Foro.[17] Salienta que, o Juízo 100% Digital é opção do cidadão e deve ser noticiada no processo, podendo a parte adversa se insurgir até a contestação, sendo que ambas as partes têm a possibilidade de retratação até a sentença.

Sebastião, se atravessando na roda de conversa, fala, com sua voz de trovão: - O Juízo 100% Digital está em conformidade com a realidade da sociedade moderna e, certamente, é uma ferramenta capaz de dar celeridade aos processos e garantir o acesso à justiça pelos cidadãos.

Logo, Sete-de-Ouros, rebate: - Sim. Pode ser uma excelente ferramenta. No entanto, o uso da tecnologia, em especial, das ODRs[18] demanda a adoção de medidas, *designs* e arquiteturas que mantenham a autonomia, autodeterminação e permitam o equilíbrio do diálogo entre os participantes (Nunes; Paolinelli, 2022, p. 83). Acrescenta ainda: - O uso das plataformas digitais e a referida troca de saberes precisa ser muito responsável e cuidadosa.

[16] **A Resolução nº 345, de 9 de outubro de 2020, autorizou o uso do Juízo 100% Digital.** Disponível em: https://www.cnj.jus.br/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/justica-4-0/projeto-juizo-100-digital/. Acesso em: 26 de jan. de 2023.

[18] ODR é a sigla para *Online Dispute Resolution* (Resolução de conflitos online).

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

À guisa de suas palavras, cita-se, como exemplo, o caso da fotocopiadora Xerox[19], onde os algoritmos se acomodaram "aleatoriamente", a fim de compactar e economizar espaço de memória do disco e provocaram perdas de informação nos arquivos, ou seja,

> Para economizar espaço, a copiadora identifica regiões semelhantes na imagem e armazena uma única cópia para todas elas; quando o arquivo é descompactado, ele usa essa cópia repetidamente para reconstruir a imagem. [...][20]

No mesmo sentido, a título de outro exemplo, segue a preocupação referente às plataformas, quando viabilizam a realização de "pesquisa" e escrevem um texto para o usuário – a exemplo do ChatGPT -, ou quando interagem com o indivíduo, apresentando-lhe soluções para seus "problemas", e o ser humano as acolhe![21] As plataformas estão trabalhando com subjetividades!

A subjetividade do ser humano constituída pela linguagem, dificilmente, poderá ser traduzida em sua integralidade por uma máquina. Pensar o uso das práticas autocompositivas e conclusões apresentadas pela máquina poderá não atender aos interesses almejados por ele. O risco é inquestionável.

As relações sociais e a subjetividade que constituem o sujeito, assim como as instituições político-jurídicas, na modernidade, subsumiram na lógica mercadológica capitalista[22] que, nas palavras de Bolzan de Morais,

> [...] se refunda com a viragem tecnológica promovida pela passagem do analógico para o digital, do capitalismo de produção para o financeiro e, agora, para aquele de plataforma, de dados, em tudo distinto, embora não se diferencie em termos de processo de acumulação financeira e gestão de pessoas e bens. (Bolzan de Morais, 2022, p. 293)

---

[19] Observaram que a cópia diferia da original. Cf. CHIANG, Ted. **Chatgpt is blurry Jpeg of the web.** Disponível em: https://www.newyorker.com/tech/annals-of-technology/chatgpt-is-a-blurry-jpeg-of-the-web/amp. Acesso em: 12 de fev. de 2023.

[20] Tradução livre (Chiang, 2023).

[21] Cf. PREVIDELLI, Fabio. **Mulher acaba casamento para viver com amante após consultar chat de inteligência artificial.** Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/mulher-acaba-casamento-para-viver-com-amante-apos-consultar-chat-de-inteligencia-artificial.phtml. Acesso em: 12 de fev. de 2023.

[22] "A grande novidade que se inaugura com a interconexão planetária promovida pelas novas tecnologias e de uma economia capitalista de novo tipo, a qual se reconhece como "capitalismo de serviços baseado em plataformas", "capitalismo de dados", "capitalismo digital" que, para além de aparecer como uma forma econômica, uma nova versão da economia liberal contribui para a "era da quantificação", a saber: 1) a exponencialização do volume de dados produzidos e disponibilizados; 2) a sofisticação das técnicas de estocagem desses mesmos dados e; 3) a capacidade de tratamento desses dados, gerando dados sobre dados (os metadados), tudo isso transformado e quantificado (big data), produzindo um conhecimento algorítmico funcional-utilitarista, como nomeia Éric Sadin."Cf. BOLZAN DE MORAIS, José Luis. Eficientismo, novas tecnologias e o (fim do) consenso. Isso pode parecer (ser) um manifesto. In: NUNES, Dierle et all (orgs.). **DIREITO PROCESSUAL e tecnologia:** Os impactos da virada tecnológica no âmbito mundial. São Paulo: Editora Juspodivm, 2022. p. 293.

Completa o autor (2022, p. 293), "[...] Os próprios indivíduos, sua subjetividade e suas relações, devem ser reconstruídos e adaptados pela esta nova racionalidade, a fim de adequarem-se a esta nova era."

Sob o ponto de vista aqui expresso, o emprego da cibernética na prática forense, em certa medida, acarretará possivelmente o arrefecimento do raciocínio jurídico e jurisprudencial. O caso concreto se perderá no meio dos algoritmos, pois a máquina

> [...] Com suas matemáticas finitas não é capaz de avocar para a circunscrição de seu âmbito, a concreção evolutiva dos fenômenos jurídicos na infinitude de seus aspectos, donde conclui-se que as máquinas cibernéticas, até então concebidas, não são capazes de representar o pensamento jurídico em sua completa dialética. (Pimentel, 2000, p. 250)

Portanto,

> [...] até que ponto confiar na máquina, o entregar-lhe a combinação das informações e o condicionamento das soluções, envolverá o perigo de o espírito humano abdicar de milenar tarefa como emitir normas, julgar e decidir? (Saldanha, 2000, p. 250)

A tarefa maior do ser humano é compreender e interpretar os fatos da realidade. Armazenar, alimentar, criar algoritmos não é suficiente para dar conta da complexidade envolvida nas inter-relações humanas, pois a máquina não pode substituir o ser humano.

Nunes (2021, p. 500) destaca a importância do papel do homem como produtor do conhecimento

> Esquecem também que o homem (o homem-trabalhador!) é o único produtor de conhecimento e é o depositário último e único utilizador do conhecimento e da informação na sua aplicação a diferentes manifestações da vida, incluindo a actividade produtiva. [...]

Major Saulo, vê-se que está temeroso, mas, toma coragem e diz que o uso da tecnologia e da inteligência artificial no Judiciário é um instrumento do eficientismo. Grita em altos brados: - Valemo-nos da Súmula nº 7, editada pelo Superior Tribunal de Justiça, que veda a possibilidade de reexame, em sede de recurso especial, de temas pertinentes a fatos e provas, os quais foram objeto de exame pelas instâncias inferiores. O Judiciário, preocupado com o *eficientismo*[23], passou a utilizar a inteligência artificial - sistema Sócrates para "apreciar" a

[23] BOLZAN DE MORAIS, José Luis. **O Fim da geografia institucional do Estado.** A "crise" do estado de direito! Disponível em: https://ppgd.ufba.br/sites/ppgd.ufba.br/files/estadoeconstituicao.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

admissibilidade do recurso especial. O "Sócrates" busca identificar, previamente, a controvérsia jurídica do recurso especial. Novamente, Major Saulo levanta a voz: - Para aplicar a Súmula nº 7, não basta uma leitura dinâmica ou a seleção de palavras-chaves para rechaçar o recurso. O acesso ao Judiciário e à justiça está sendo (in)viabilizado, sob o manto da *tecnologia* e *eficientismo*.

Sete-de-Ouros, complementa: - Você tem toda a razão Major. Localizar palavras-chaves para acolher ou negar o juízo de admissibilidade de um recurso é quase um sorteio. O sorteio não é lógico.

Major diz se preocupar com a questão dos trabalhadores. Cita, quanto ao tema, a conclusão apontada por Daniel Marques e José Caldas Gois Jr.

> O advogado não será substituído pela Inteligência Artificial, os profissionais do direito que usam Inteligência Artificial irão. No futuro mais do que técnicos do direito, precisaremos de juristas e filósofos aptos a extrair o potencial máximo da IA. Mesmo diante do grande avanço da IA o advogado competente é e sempre será indispensável. Entretanto, mais do que nunca se torna fundamental o dever de atualização constante que se traduz na obrigação de conhecer e usar as ferramentas que possam ajudar o profissional a se destacar no meio da revolução em curso.[24]

Sete-de-Ouros contesta: – Com a devida vênia, é utopia pensar que o uso da inteligência artificial não substituirá pessoas.[25] Desde seu surgimento já está substituindo. O uso da tecnologia é necessário. Entretanto, a tecnologia deve ser utilizada de forma adequada, e usar a ferramenta Sócrates ou outra fornecida pela inteligência artificial para negar seguimento aos recursos e apresentar sugestões de decisão, ao que parece, é delegar, à máquina, o trabalho intelectual devido, podendo acarretar prejuízos substanciais aos processos, na medida em que há nuances e perspectivas em cada caso que os programas computacionais, embora bastante sofisticados, podem não alcançar.

Desse posicionamento de Sete-de-Ouros, decorre a ideia de que o Estado não pode se furtar de sua tarefa. Precisa se posicionar e fiscalizar o uso da tecnologia[26], sob pena de, em não

---

[24] MARQUES, Daniel; GOIS JUNIOR. **O chat GPT:** o que o novo oráculo de delfos tem a dizer aos advogados. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/depeso/380192/o-chat-gpt-o-que-o-novo-oraculo-de-delfos-tem-a-dizer-aos-advogados. Acesso em: 17 mar. de 2023.

[25] "Estudo da McKinsey divulgado em 2017 adverte que a IA ameaça 50% dos empregos no Estados Unidos e Europa; e nos mercados emergentes poderão colocar em risco 70% das posições de trabalho." Cf. PANTALEONI, Cassio. **A questão da empregabilidade diante da inteligência artificial.** Disponível em: https://www.sas.com/pt_br/insights/articles/analytics/empregabilidade-na-era-da-inteligencia-artificial.html?gclid=Cj0KCQjwn9CgBhDjARIsAD15h0A-RaFYKEwSAh_hINcGHiOIywzAKp0qxfwP31H8JxnKgkjlhGJlIz8aAuXFEALw_wcB. Acesso em: 17 mar. de 2023.

[26] "Olhemos ainda uma vez para o mundo digital. As *big techs*, os conglomerados monopolistas globais, imperam nos nossos dias como as companhias mais valiosas de toda a história do capitalismo. E o que elas fizeram? Sequestraram de nós o contato com a incerteza vital, capitalizaram os riscos, precificaram a ignorância fabricada."

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

o fazendo, instaurar-se o caos, o caos de uma liberdade disfarçada de pseudodemocracia. Sobre o caos, Berardi constata

> Segue-se o **caos**, uma condição de pânico, então **automatismo tecnolinguísticos** são projetados para manter o caos sob controle. Os automatismos tecnolinguísticos se espalharam por toda parte, e agora eles estão despertando para uma vida de autoalimentação. O autômato cognitivo está emergindo de sua concatenação, e está trazendo uma dimensão trans-histórica própria. O **caos** e o **autômato** são polos opostos e que se reforçam mutuamente diante do atual mundo sinistro.[27]

Na reunião, via-se que todos estavam atônitos. Meio esquisitos. Parecia que tudo havia se congelado. O caos passava em frente de todos e não conseguiam parar de olhar para ele. A cegueira estava se dissipando. Estavam conseguindo olhar para o que não queriam ver e falar o que precisava ser falado.

Eram 17h e ninguém havia saído para almoçar. Estavam exaustos. O tempo começou a mudar. O abafado e o vento que levantava a poeira do chão mostrava a chegada da chuva. Os participantes da reunião começaram a se levantar e se retirar. Alguns com olhar assustado, outros com um meio sorriso no rosto, outros mais acabrunhados, outros meio irritados. Mas, a maioria, conversava e dizia que a discussão não poderia parar aí. Muita coisa tinha que ser dita ainda. O mundo, a sociedade, o ser humano – todos precisamos permanecer pensando e nos comunicando!

QUAL O CAMINHO?...

Sete-de-Ouros já estava encostado na árvore da praça. Não tinha fome. Sentia vontade de ficar em silêncio. Aquele silêncio que só quando estamos no campo sentimos. Esperava que a chuva que estava chegando clareasse sua mente. Constatou que agiu acertadamente ao agendar a roda de conversa. Muitas outras deveriam ser realizadas. Precisavam desse diálogo. Retomou em pensamento, a fala baixa do Major Saulo, ao final da roda:

> [...] Nunca estive na escola, sentado não aprendi nada desta vida. Você sabe que eu não sei. Mas, cada ano que passa, eu vou ganhando mais dinheiro, comprando mais terras, pondo mais bois nas invernadas. Não sei fazer conta de tabuada, tenho até enjoo disso... Nunca assentei o que eu ganho ou o que eu gasto. O dinheiro passa como água no córrego, mas deixa poços cheios, nas beiras. Gosto de caminhar no escuro, [...]. (Rosa, 2021, p. 41)

Cf. BUCCI, Eugênio. **Incerteza, um ensaio**: como pensamos a ideia que nos desorienta (e orienta o mundo digital). Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 133.

[27] BERNARDI, Franco. **A inteligência artificial e a espiral do caos.** Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/628265-a-inteligencia-artificial-e-a-espiral-do-caos-artigo-de-franco-bifo-berardi. Acesso em 2 mai. 2023.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

Sete-de-Ouros não conseguia parar de pensar nessa fala e lhe tocou profundamente a questão do escuro. Ele, diferentemente do Major, não gostava da escuridão. Queria enxergar para poder fazer suas escolhas e construir suas verdades e disse isso para o Major.

Sete-de-Ouros conseguia ver o progresso científico e tecnológico como inevitável e, ao mesmo tempo, como condição de possibilidade para melhoria e facilitação da vida dos indivíduos. No entanto, da mesma forma, via que tal uso deve ser realizado com ciência e prevenção dos riscos e consequências que podem trazer se utilizados sem ética. Enxergava, que a função do Estado nesse interregno digital é de fiscalização e resguardo da dignidade do ser humano e da coletividade. Assim como na história de Guimarães Rosa, o ser humano, caso não se atente para os riscos implicados no uso exacerbado da tecnologia, será levado e convencido a ser e agir à sua revelia, ou seja, irá acompanhar a boiada e, ao acompanhar a boiada; isto é, seguindo cegamente aquilo que se apresenta como certo e errado na internet, nas mídias, nas fake news, nas redes sociais pode perder sua essência, tornando-se um mero espectador e/ou executor do que dizem os algoritmos[28]. Embriagado nesse rio de informações pode infelizmente se afogar e morrer sem o perceber. E viver bêbado, sabe-se, é viver sem consciência ou com parcial consciência. Portanto, é preciso impedir esse risco. Precisamos de algo que nos salve da inconsciência? Sim. Mas o quê? "O Estado pode ser esse salvador" – pensou o burro.

Surpreendentemente, Major Saulo, concluiu: – "[...] O burrinho é quem vai resolver: se ele entrar na água, os cavalos acompanham, e nós podemos seguir sem susto. Burro não se mete em lugar de onde ele não sabe sair!" (Rosa, 2021, p. 69). Era fato. Todos constataram isso. Logo, Sete-de-Ouros bradou: – Salvador precisamos ser e somos todos nós. Me seguir, nos levará para um caminho, mas será que é o caminho que todos querem ir?

Todos pararam para pensar, e o burro conseguiu o que queria: a consciência da importância da consciência. Diz Rosa (Bucci, 2023, p. 132):

> Viver não é certo, no sentido de não ser um cálculo preciso. Quase tudo em nós é incerto. O esquecimento é incerto. O inconsciente é incerto. Mesmo aquilo que julgo saber tem o capricho de me enganar. [...]

Aprendemos com Sete-de-Ouros que, em qualquer situação a ser enfrentada, é necessário responsabilidade, persistência e sabedoria (Rosa, 2021) para acolher e lidar com o

[28] A tecnologia da informação detém o poder de convencimento, pois o conhecimento encontra-se nas mãos daqueles que retêm as informações circulantes na rede e também que o histórico do usuário na rede e na internet informa quais são as suas necessidades.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 129-147, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.129-147

novo e o (in)esperado. Enxergamos que as promessas da modernidade estão subsumindo diante da fragmentação da ordem cultural e geopolítica. Vivemos o caos. A máquina age como humano e os seres humanos como seres desprovidos de discernimento. A razão se perdeu na modernidade e a tecnologia se apropriou de um lugar que não deveria lhe pertencer. A condição e competências humanas se veem solapadas pela máquina. A inteligência artificial além de realizar tarefas também tem condições de definir metas. Possibilita que aparelhos automatizados de autoaprendizagem supram a deliberação do humano. Os autômatos cognitivos redefinem a modernidade. E, as consequências nefastas precisam ser mitigadas. Aí está o papel do Estado, em especial, de delimitar as questões éticas no software inteligente (Bernardi, s./d). Se isso é possível? - Só o tempo vai dizer. O que temos certeza é que a travessia do percurso pode ser mais, ou menos, sinuosa, depende da consciência dos riscos implicados nas escolhas ao cruzá-lo.

Referências

A **Resolução nº 345**, de 9 de outubro de 2020, autorizou o uso do Juízo 100% Digital. Disponível em: https://www.cnj.jus.br/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/justica-4-0/projeto-juizo-100-digital/. Acesso em: 26 de jan. 2023.

ALVES, Mayk. **Burro: suas características e utilidades no meio rural**. Disponível: https://agro20.com.br/burro/#:~:text=Caracter%C3%ADsticas%20do%20burro&text=Suas%20orelhas%20s%C3%A3o%20mais%20compridas,e%20suas%20canelas%20s%C3%A3o%20secas. Acesso em 1 maio 2023.

BERNARDI, Franco. **A inteligência artificial e a espiral do caos.** Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/628265-a-inteligencia-artificial-e-a-espiral-do-caos-artigo-de-franco-bifo-berardi. Acesso em 2 maio 2023.

BOLZAN DE MORAIS, José Luis. Eficientismo, novas tecnologias e o (fim do) consenso. Isso pode parecer (ser) um manifesto. In: NUNES, Dierle et all (Orgs.). **DIREITO PROCESSUAL e tecnologia:** os impactos da virada tecnológica no âmbito mundial. São Paulo: Editora Juspodivm, 2022.

BOLZAN DE MORAIS, José Luis. **O fim da geografia institucional do Estado.** A "crise" do estado de direito! Disponível em: https://ppgd.ufba.br/sites/ppgd.ufba.br/files/estadoeconstituicao.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

BUCCI, Eugênio. **Incerteza, um ensaio**: como pensamos a ideia que nos desorienta (e orienta o mundo digital). Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

Burro: caraterísticas, comportamento e habitat. Disponível em: https://meusanimais.com.br/burro-caracteristicas-comportamento-e-habitat/. Acesso em: 1 maio 2023.

CHIANG, Ted. **Chatgpt is blurry Jpeg of the web**. Disponível em: https://www.newyorker.com/tech/annals-of-technology/chatgpt-is-a-blurry-jpeg-of-the-web/amp. Acesso em: 12 de fev. 2023.

MARQUES, Daniel; GOIS JUNIOR. **O chat GPT:** o que o novo oráculo de delfos tem a dizer aos advogados. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/depeso/380192/o-chat-gpt-o-que-o-novo-oraculo-de-delfos-tem-a-dizer-aos-advogados. Acesso em: 17 mar. 2023.

Projeto-piloto do Sócrates, programa de inteligência artificial do STJ, é esperado para agosto. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/quentes/299820/projeto-piloto-do-socrates--programa-de-inteligencia-artificial-do-stj--e-esperado-para-agosto.

PANTALEONI, Cassio. **A questão da empregabilidade diante da inteligência artificial.** Disponível em: https://www.sas.com/pt_br/insights/articles/analytics/empregabilidade-na-era-da-inteligencia-artificial.html?gclid=Cj0KCQjwn9CgBhDjARIsAD15h0A-RaFYKEwSAh_hINcGHiOIywzAKp0qxfwP31H8JxnKgkjlhGJlIz8aAuXFEALw_wcB. Acesso em: 17 mar. 2023.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade**: na filosofia antiga e na psicanálise. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

KELSEN, Hans. **O que é justiça?** Tradução de Luís Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NUNES, Antônio José Avelãs. **O Estado capitalista e as suas máscaras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021.

NUNES, Dierle; PAOLINELLI, Camilla. Acesso à justiça e virada tecnológica no sistema brasileiro: gestão tecnológica de disputas e alinhamento de expectativas para uma transformação com foco no cidadão – novos designs, arquitetura de escolhas e tratamento adequado de disputas. In: NUNES, Dierle et all (orgs.). **Direito processual e tecnologia***:* os impactos da virada tecnológica no âmbito mundial. São Paulo: Juspodivm, 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas/SP: Unicamp, 2014.

PERINI, Marcelo. **Da Discussão ao Objeto:** Platão retoma Sócrates. Disponível em: https://journals.openedition.org/cultura/1802. Acesso em: 17 mar. 2023.

PIMENTEL, Alexandre Freire. **O direito cibernético:** um enfoque teórico e lógico-aplicativo. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

PREVIDELLI, Fabio. **Mulher acaba casamento para viver com amante após consultar chat de inteligência artificial.** Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/mulher-acaba-casamento-para-viver-com-amante-apos-consultar-chat-de-inteligencia-artificial.phtml. Acesso em: 12 de fev. 2023.

ROHDEN, Claudia Ernst Pereira. **Mediação nos conflitos:** uma perspectiva crítica sobre a potencialidade de uma justiça de compartilhamento para a efetivação de direitos e cidadania. 2022. Tese (Doutorado). Curso de Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

ROHDEN, Luiz. Sobre o sentido**. Veritas**, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 293-303, jun. 2004.

ROSA, João Guimarães. **O burrinho pedrês**. São Paulo: Global Editora, 2021.

SALDANHA, Nelson. Apresentação. In: PIMENTEL, Alexandre Freire. **O direito cibernético:** um enfoque teórico e lógico-aplicativo. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

SATIR, Virgínia. **Terapia do grupo familiar**. Tradução de Achilles Nolli. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

SENNETT, Richard. **Juntos:** os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.

THEBAS, Cláudio. **Ser bom não é ser bonzinho:** como a comunicação não violenta e a arte do palhaço podem te ajudar a identificar e expressar as suas necessidades de maneira clara e autêntica – e evitar julgamentos, como o deste título. São Paulo: Planeta, 2021.

Artigo recebido no 2º semestre de 2023.

Artigo aceito no 2º semestre de 2023.